

MODERNIDADE E BARBÁRIE

ANDRÉ BUENO

Faculdade de Letras - UFRJ

ABSTRACT:

This article uses some elements of Critical Theory to show the relation between Modernity and some forms of barbarism, resulting in violence and exclusion, instead of progress and happiness.

Uma teoria crítica da Modernidade, em qualquer de seus horizontes, não pode ignorar a relação entre projetos históricos de emancipação, racionais e civilizados, que apontem para a autonomia dos cidadãos e a reprodução continuada da violência cega, excludente e bárbara.

A magnitude dos genocídios que aconteceram no nosso século é sinal seguro da extensão e profundidade do problema. Nunca se matou tanto, tantos civis e tantos inocentes, como nos extremos do "curto século XX", como o chama Eric

Hobsbawn (1995), para indicar o período que vai de 1914, com o começo da Grande Guerra, o fim da Belle Époque e das ilusões de paz e prosperidade permanentes, até 1991, com a dissolução da URSS e o fim da Guerra Fria. Por oposição, ainda seguindo Hobsbawn, ao "longo século XIX", que começa em 1776 e vai até 1914, período vital para a formação de muitas das esperanças e impasses que até hoje nos afetam.

Severo, o pensamento crítico que se volta para a história e para o cotidiano, para os grandes processos históricos e para a vida do homem comum, precisa entender os limites que separam civilização e barbárie, humanidade realizada e violência cega, destrutiva, que não respeta valores, convenções, códigos de convivência e civilidade.

Severo consigo mesmo, o pensamento crítico tampouco pode ignorar que não há garantias e certezas para

sua própria racionalidade e capacidade de entender os processos históricos e sociais. Nesse preciso sentido, a palavra **crítica** significa **crise** continuada, movimentos abertos, sempre sujeitos a dúvidas e correções.

Depois de Freud, sabemos todos como são frágeis os limites que separam civilização e barbárie, convivência coletiva, contratos sociais e violência sem limites. Ou seja, a contradição posta dentro da própria Modernidade, dentro do projeto histórico de emancipação e autonomia, o mal-estar na civilização podendo resolver-se pela volta violenta do reprimido, do que se poderia imaginar superado.

Depois de Marx, também sabemos que as formações do moderno capitalismo não toleram a abundância, mas sim a escassez. Ou seja, o próprio capitalismo é inseparável desta contradição básica: sua promessa de felicidade só pode existir para minorias, jamais para o conjunto das populações do planeta. Mesmo dispondo de todos os elementos materiais, técnicos e intelectuais, para superar a fome e a miséria, a carência e as violentas exclusões, o capitalismo não pode realizar sua própria utopia, que passa a ser vulgata ideológica, propaganda, apelos ao consumo, ilusões de felicidade.

Não pretendo citar números. É desumano comparar massacres e genocídios. Não cabe ao pensamento crítico chocar, causar impacto, emocionar os bons sentimentos, que logo se aquietam. E

esquecem, aceitando a banalidade do mal, a repetição da violência, os massacres que desumanizam e embrutecem.

Os que trabalham com a Educação deveriam ter sempre presentes os riscos mais fortes. Primeiro, o da formação da personalidade autoritária, preconceituosa e violenta, educada para a obediência e submissão, que abdica da autonomia e da emancipação para perder-se em coletivos autoritários e fechados, onde se espera do sujeito que "cumpra ordens" ou "desempehe funções".

Segundo, os riscos do esquecimento, da destruição da memória histórica como forma de aprovar, até por ignorância, a barbárie e suas consequências. Educar para a autonomia e emancipação, no caso, significa manter fortes vínculos entre o trabalho das gerações passadas, a vida no presente e seus limites, e as imagens de um futuro diferente, transformado. Dentro da lógica expansiva da modernização do capitalismo, é grande o risco de se tornar banal a barbárie, totalmente comum a violência, pela repetição continuada, pela exposição fragmentária da vida social, pela imersão cega no mundo da mercadoria, que passa a funcionar como uma espécie de espetáculo.⁽¹⁾

Se o imaginário e as representações que derivam da lógica expansiva do capitalismo banalizam o mal, esquecem a violência e a barbárie, naturalizam a desumanidade, ou dela fazem material para investimentos comerciais, cabe lembrar, com

1 - São temas fortes da Teoria Crítica da chamada Escola de Frankfurt, a começar pelos estudos sobre a formação da personalidade autoritária e preconceituosa, coordenados por Theodor Adorno

Theodor Adorno (1995), que **educar significa emancipar, tornar autônomo, superando a violência e a barbárie**. Ao menos, educando para a necessidade de uma sociedade transformada e humana, que supere a violência e a barbárie.

Com Walter Benjamin, morto pela barbárie, devemos lembrar que os vencedores formam um cortejo triunfal, que vence e não cessa de vencer, deixando à margem vencidos e ruínas. Isso posto, não pode haver redenção religiosa ou revolução política que não signifique resgatar a vida, o trabalho, as lutas, a memória dos vencidos. Como meta, a Interrupção do curso da história que realize a humanidade, a humanidade que foi negada às vítimas da violência e da barbárie.

Ainda com Benjamin, cabe lembrar que não há um só **documento de cultura** que não seja, ao mesmo tempo, um **documento de barbárie**, a nos lembrar o vínculo entre violência e civilização, Modernidade e exclusão.

No passado e no presente, a Modernidade, como projeto de emancipação e autonomia, nunca existiu para a maior parte dos habitantes do planeta, excluindo milhões e milhões de pessoas dos direitos e benefícios, dos acessos materiais e culturais à vida civilizada. Nesse sentido, muito preciso e concreto, a Modernidade capitalista é um projeto incompleto, em movimento e aberto, limitado por suas próprias contradições.

No contexto de crise da Modernidade que vivemos neste final de século XX, onde se misturam vetores díspares de

Globalização, Neo-liberalismo e Pós-modernidade, não deixa de ser bárbara a aceitação, muito extensa e com pretensões hegemônicas, de um projeto que aceite o mercado -e as trocas econômicas como indicadores de "liberdade" e "civilização".

Difícil entender como seria possível superar as violentas exclusões sociais através do mercado, da "livre" competição econômica, do acirramento das desigualdades, do favorecimento fiscal aos mais ricos, dos cortes nos gastos públicos com o bem-estar dos cidadãos e do desemprego em expansão, considerados necessários para manter o capitalismo "competitivo" e a sociedade "aberta".

De quebra, um projeto que investe duramente contra as organizações dos trabalhadores, vistos como inimigos da "sociedade aberta e competitiva", com suas insistentes demandas por salários e formas de bem-estar social. Como sabemos todos, a lógica do lucro, da competição e da acumulação privada da riqueza social não pode levar em conta irrelevâncias como a vida, a saúde, a educação, o bem-estar e a segurança dos cidadãos.

A rigor, projeto que prescindir de qualquer dimensão ética, exceto para efeitos retóricos e demagógicos, podendo até mesmo prescindir de valores como a própria democracia e emancipação dos cidadãos. Já que o valor fundamental é o funcionamento "livre" da economia, em termos de eficiência e de "qualidade total", essa ficção ideológica que pretende trabalhadores funcionando mecanicamente, sem traço de pensamento crítico.

O que se opuser à "livre" expansão, local ou mundial, das forças econômicas que movem o capitalismo, deverá ser entendido como inaceitável atraso, fechamento da sociedade, restrição à liberdade dos produtores e dos proprietários.

É da lógica dessa expansão irrefreada gerar desigualdades, aprofundar diferenças, aumentar as margens de exclusão social, sobretudo em países como o Brasil, postos desde sempre na periferia do capitalismo. Não tendo havido aqui, jamais, algo parecido com um Estado de Bem-estar social, demandando a pura e selvagem expansão do capitalismo, as políticas globalizadas do neo-liberalismo tornam-se ainda mais violentas. Mas, sabemos todos, soaria com um imperdoável anacronismo, sinal de atraso e pobreza de espírito, discutir ética, autonomia e emancipação, em relação ao mercado e às trocas econômicas (2).

Nas ficções ideológicas do Admirável mundo novo do neoliberalismo globalizado, viveremos todos em sociedades sem fronteiras ou hierarquias, em cidades sem limites físicos, ilimitadas e invisíveis, transparentes e acessíveis. A vida coletiva, a vida considerada boa e justa, desde a Grécia discutida pelos filósofos e políticos, se resumirá aos claros princípios da eficiência, da competição e da "qualidade total", como parâmetros de civilização... para o mercado e as trocas econômicas. De quebra, todos terão acesso a tudo, a toda informação e a todo conhecimento. Bastará uma

simples conexão com alguma rede mundial de computadores.

Nunca terá sido tão fácil viver em sociedade. Bastará ao cidadão renunciar aos projetos de autonomia e emancipação, aceitando sua plena integração, sem restos ou contradições, funcional e eficiente, à lógica das trocas econômicas e da acumulação privada da riqueza social. Como cenário, as maravilhas ultramodernas da tecnologia aplicadas ao cotidiano histórico(3).

Não se conclua, porém, que a crítica aponte para um mundo histórico e um cotidiano sem máquinas, sem informática, sem qualquer tipo de qualidade gerencial ou administrativa, o que seria uma simples e delirante aberração. A presente etapa do capitalismo globalizado é inseparável das novas tecnologias, das novas formas de organização do trabalho e da produção, quer se trate de mercadorias ou de serviços. É, com toda a clareza, um mundo em acelerada mutação.

No entanto, é tarefa do pensamento crítico, e das práticas que dele puderam derivar, perguntar pelo sentido e pela finalidade, humanos, das novas tecnologias e dos novos processos de trabalho e de produção. Deve-se mesmo criticar, com rigor, todo o imaginário que associa mercados e mercadorias, trocas e acumulação privada de riqueza, aparatos técnicos e administrativos, tecnologias ultramodernas e suas funções, como lugares exclusivos da **racionalidade, do progres-**

2 - Como se nota, esse tópico diz respeito à globalização e aos projetos neoliberais, no cenário mundial posterior ao fim da USRR e da Guerra Fria. São referências recentes para o debate crítico: Sader (1995) e Blackburn (1995).

3 - A propósito, remeto o leitor ao "Post-Scriptum 1992" em Bosi (1992).

so, da eficiência e da qualidade. Em resumo, trata-se de fazer a crítica das representações que o capitalismo modernizado e globalizado faz de si mesmo, quer como "fim da História", quer como plena racionalidade.

O mito da **qualidade total** é, sob muitos aspectos, o do máximo controle, uso e exploração do corpo, do tempo, da imaginação do trabalhador, que deveria estar inteiramente ligado à lógica do trabalho e da produção material eficiente, resultando disso um máximo de acumulação privada de riqueza socialmente criada. Sem a contrapartida, é claro, de um máximo possível de distribuição da riqueza material e cultural socialmente criada. Ou seja, os imperativos do reino da necessidade e apenas os fantasmas da liberdade e da felicidade, para compensar ilusoriamente as privações e carências da vida quotidiana.

Cabe lembrar que, na lógica do trabalho e da produção nesta etapa globalizada do capitalismo, as redes de computadores são, ao mesmo tempo, funções da velocidade e da eficiência, mas também do **controle**.

Até nos exemplos menores, do cotidiano do trabalho, há exemplos de como a informática se põe a serviço do controle dos movimentos e fala dos que trabalham nas empresas mais modernas, permitindo calcular o tempo gasto em cada tarefa, além de cada pausa. Com o evidente objetivo de limitar o tempo livre, a imaginação solta tudo que escape à máxima eficiência do corpo e do tempo do trabalhador,

Nem é difícil imaginar contextos autoritários onde redes de computadores, velozes e contendo milhões de informações sobre os cidadãos, sejam usadas para controlar e reprimir divergentes e opositores. Não apenas nas prisões, é claro, mas também no que deveria ser a vida privada.

Na Educação, saltam aos olhos os **fetiches tecnicistas**, que fazem das máquinas e equipamentos soluções miraculosas para os problemas todos que atravessam a vida social e o cotidiano escolar. Reiterando, pela via ingênua e ideológica, a ilusória passagem do país pobre e atrasado para o país moderno, graças à tecnologia ultramoderna.

Isto posto, teríamos uma espécie de integração nacional graças às redes de computadores, eliminando diferenças regionais, de renda, de classe, de cultura, de religião, tornando o Brasil uma vasta "unidade coesa".

Ao imaginário da facilidade, do acesso simples, da integração funcional e asséptica, do "moderno" como ilusão e ideologia, cabe contrapor, sempre e com o necessário rigor, **a educação como construção crítica**, difícil e contraditória, quotidiana e constante, inseparável das profundas divisões e diferenças que caracterizam a formação histórica e social do Brasil. Portanto, jamais a Educação como panacéia universal, tecnológica ou não.

Aqui, cabe lembrar a figura crítica do **fracasso programado**, usada pelos educadores brasileiros para indicar os excluídos, os repetentes, os pobres, os "burros" e os "incapazes", cujo "fracasso" está previsto pela

lógica do sistema. Já que se destinam ao trabalho manual e aos cursos técnicos, jamais à Universidade, ao trabalho intelectual, às posições de mando e de poder.

Indicação clara de formas estruturais de violência e de exclusão, marcando as margens do Brasil Colônia e do Brasil moderno: analfabetos, repetentes, evadidos das escolas no contexto do trabalho infantil, dos salários vis, da pobreza material, limites evidentes à criação de uma sociedade justa e emancipada.

Impossível esquecer o tributo, pesado e violento, que milhões de crianças e adolescentes pagam ao trabalho ilegal, e a conseqüente injusta acumulação daí resultante. Uma vez mais, não vou citar números, listar estatísticas, comparar tabelas, quantificar os massacres, expor gráficos da violência estrutural e sistemática da sociedade brasileira. Mas vou enfatizar que endossar os mitos fáceis da modernização, funcional e técnica, limpa e eficiente, é sinônimo de endossar a própria barbárie, tornando ausente, "neutra", a violência histórica e social.

Como crítica radical da cultura capitalista, cabe sempre enfatizar que a mercadoria e os simulacros de massa da mercadoria, que todo o imaginário ligado ao consumo de mercadorias, não pode ser mais que um empobrecimento, uma pálida e vergonhosa caricatura da felicidade, da vida boa, da justiça e da liberdade.

Por via de conseqüência, é enfática a necessidade de um pensamento crítico que não abandone suas tarefas, ade-

rindo ao existente, nem repita os erros do passado. Ou seja, o socialismo como projeto que incorpore e realize os mais altos valores democráticos deve se dissociar dos rescaldo das burocracias estatais, do planejamento central e da ineficiência, dos partidos únicos e autoritários. Senão, fica fácil contrapor "centralismo burocrático", autoritário e ineficiente, às maravilhas da empresa e do mercado capitalistas (4).

A crítica enfática ao pensamento autoritário e burocrático, assim como à violência histórica dos processos de modernização do capitalismo, à vasta barbárie que atravessa o século XX não precisa desembocar numa recusa radical do pensamento racional, da herança do Iluminismo e das tradições críticas construídas nos séculos XVIII, XIX e XX.

É mesmo difícil perceber como o pensamento racional e crítico pode ser substituído, com proveito para as lutas de superação da barbárie e da violência, pelo pensamento das diferenças abstratas, dos fragmentos soltos da vida social, pelas derivas do desejo, pela aceitação romântica, ou mesmo aristocrática, de valores ligados à potência vital, apontando para uma também abstrata "transvaloração de todos os valores".

É ainda mais difícil entender como o pensamento abstrato, que separa a linguagem, os textos e os discursos, o imaginário e suas representações, de seus contextos sociais e materiais de produção e recepção, poderá dar conta da tarefa crítica de construir o caminho que supere a barbárie histó-

rica e as situações concretas de coerção e violência que limitam, na prática, a autonomia e a emancipação dos sujeitos.

Posto à deriva, o pensamento crítico se enfraquece, ou mesmo desaparece, dando lugar a variadas ilusões: das diferenças abstratas, jamais referidas a qualquer totalidade; de fragmentos à deriva, jamais relacionáveis a sistemas; de situações ideais de fala, onde se possa executar ações comunicativas, angelicais e livres de coerção e violência; de paixões e desejos errantes, sempre derivando, o tempo todo superiores à aridez da razão crítica; de significantes sem significados sociais. Ou mesmo, no extremo oposto, de fetiches da ciência, fechados e dogmáticos, que tentam tornar "científico" o conhecimento sobre o homem vivendo em sociedade.

Diante da crise e das posições que derivam para o desencanto e o ceticismo, às vezes para o cinismo ou a franca adesão, outras para uma aceitação acrítica dos aparatos técnicos e administrativos, cabe lembrar que o legado filosófico, político, cultural e científico, que forma a melhor tradição do mundo moderno, foi o mais das vezes construído em condições difíceis, de perseguição e censura, prisão e tortura, exílio e morte.

Sempre foram formas de resistir, de pensamento e ação que correram riscos, buscando a autonomia e a emancipação humanas diante das forças da heteronomia, do controle, do dogma e da ignorância, da violência física e simbólica, do medo como parceiro do conformismo e da submissão.

É importante manter viva a memória da verdadeira virtude cívica, pública e necessária a toda a humanidade, em contraposição aos medíocres e oportunistas que se apresentam como "homens públicos", mas não fazem mais que viver à sombra de algum poder, ciosos e zelosos de seus grandes ou pequenos interesses.

Penso nos militantes anônimos das melhores causas, que correram riscos e se mantiveram coerentes e permaneceram anônimos, sendo de todo inútil buscar seus nomes nos livros de História. Resistiram à barbárie a partir do cotidiano, do ângulo do cidadão comum, que se compromete e busca construir a humanidade: livre, adulta, autônoma, emancipada, educada para resistir à violência e à barbárie. Admiráveis, e anônimos, são os exemplos concretos de que a humanidade pode ser criada.

Penso agora no admirável **Galileu, Galilei** de Bertold Brecht, exemplo marcante de uma continuada luta contra o dogmatismo e a intolerância. Penso, sobretudo, no momento em que o velho Galileu isolado e controlado pela Inquisição, vivendo fora dos centros urbanos importantes, recebe a visita de seu discípulo, Andrea Del Sarto, que fora por Galileu educado desde a infância, no sentido de buscar a verdade.

Na cena, quando tudo faria supor que Galileu fora derrotado, e com ele toda uma luta pela emancipação humana e pela busca da verdade, quando tudo parecia indicar a justiça da decepção do discípulo diante do mestre derrotado pela violência obscurantista da Inquisição, nesse momento Galileu passa ao discípulo um

manuscrito, mais um resultado de sua busca pela verdade do conhecimento, que depois circulará por toda a Europa.

Penso em seguida, com todo o respeito e admiração, em Antonio Gramsci e suas **Cartas do Cárcere**. Preso pelos fascistas para não pensar, para ficar calado e reduzido à impotência, Gramsci constrói, no cárcere e em condições duríssimas, um precioso legado crítico, político e cultural, útil para toda a humanidade.

Cito, como exemplo de rigor e grandeza cívica, um dos momentos em que Gramsci (1966: 143), via Romain Rolland, contrapõe o desencanto e o ceticismo da razão ao otimismo da atividade prática:

"O homem não deveria desesperar nunca, nem cair naqueles estados de espírito vulgares que se chamam otimismo e pessimismo. Meu estado de espírito sintetiza estes dois sentimentos e os supera: sou pessimista com a inteligência mas otimista pela vontade".

A partir da geografia limitada das prisões, Antonio Gramsci continua criando o projeto político educativo de emancipação e autonomia da humanidade. Como fez, um pouco antes e também em condições muito difíceis, com rigor e delicadeza, Rosa Luxemburgo.

Ao leitor afoito, que porventura aí percebesse o elogio do "martírio" e do "heroísmo", quase cristãos, quase um elogio do sofrimento e da dor, vazios e derivando logo para o sentimentalismo e a retórica, indico logo o equívoco.

Trata-se do elogio da virtude cívica do homem comum, que trabalha, se educa, luta, constrói o caminho da autono-

mia e da emancipação como possibilidade humanas. É o contexto em que dureza e ternura se juntam, com rigor, e o homem aponta para além da violência e da barbárie.

Depois de todas as crises e fracassos da Modernidade, é certo que ainda veremos muito desencanto e muito ceticismo, mesmo isentos de qualquer oportunismo. É o momento em que se pergunta, a fundo, se a História pode ser mais que sucessivos banhos de sangue, um infindável desfile de atrocidades, violência e atos bárbaros, sem qualquer chance de superação.

A propósito, permitam-me citar Italo Calvino (1990: 149 e 150). No final do livro **As cidades invisíveis**, uma vez mais dialogam Marco Polo e Kublai Khan. Perguntam pelas cidades invisíveis, que os mapas ainda não registram.

Serão elas cidades ideais, como a Nova Atlântida, Utopia, Cidade do Sol, Oceana, Tamoé, Harmonia, New Lanark? Ou serão as "ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butira, Brave New World?".

Diz Kublai Khan:

"É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito".

E Marco Polo:

"O inferno dos vivos não é algo que será: se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte até o ponto de deixar de percebê-lo.

A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço*

Sem deuses, a humanidade precisa inventar a si mesma. Precisa inventar sua liberdade, sua autonomia e sua emancipação. É, sem dúvida, a mais difícil e demorada das tarefas. Renunciar a ela, no entanto, é aceitar a barbárie, é tornar-se parte do inferno, é conformar-se até o total esquecimento. Com toda a clareza, a tarefa é reconhecer em meio ao inferno aquilo que não é inferno. Para abrir espaço. Para superar a violência e a barbárie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. (1995) *Educação e Emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Ática.
- BLACKBURN, Robin, (Org.) (1995) *O Mundo Depois da Queda*. Rio: Paz e Terra.
- BOSI, A. (1992) *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CALVINO, I. (1990) *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- GRAMSCI, A. (1966) *Cartas do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HOBBSBAUM, E. J. (1995) *Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914/1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MILIBAND, R. (1995) *A Plausibilidade do Socialismo*. IN: R. Blackburn (Org.) (1995).
- SADER, E. (Org.) (1995) *Pós-neoliberalismo. As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio: Paz e Terra.